

ROBSON SOARES FERREIRA



**ENSINO DE ARTES VISUAIS, INTERVENÇÃO URBANA E
CONTESTAÇÃO POLÍTICA EM JUIZ DE FORA - MG**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

ROBSON SOARES FERREIRA

**ENSINO DE ARTES VISUAIS, INTERVENÇÃO URBANA E
CONTESTAÇÃO POLÍTICA EM JUIZ DE FORA - MG**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): Melissa Etelvina Oliveira Rocha

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

FERREIRA, Robson Soares, 1969 –

Ensino de Artes Visuais, intervenção urbana e contestação política em Juiz de Fora - MG: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Robson Soares Ferreira – 2015.

44 f.

Orientador(a): Melissa Etelvina Oliveira Rocha

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino I. Rocha, Melissa Etelvina Oliveira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes III. Ensino de Artes Visuais, intervenção urbana e contestação política em Juiz de Fora.

CDD: 707



Monografia intitulada ***Ensino de Artes Visuais, Intervenção Urbana e Contestação Política em Juiz de Fora - MG***, de autoria de Robson Soares Ferreira, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Melissa Etelvina Oliveira Rocha - Orientadora

Juliana Mafra

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901

Agradecimentos

Agradeço ao ser superior, por todas as coisas existentes.

Aos meus pais, Cipriano Bento Ferreira e Maria Aparecida Soares Ferreira, por mostrar o caminho e forjar em mim a pessoa que sou.

Aos meus irmãos, Terezinha Soares Ferreira, Neivaldo Soares Ferreira, Ronaldo Soares Ferreira, Roberto Soares Ferreira e Paulo César Soares Ferreira, que inconscientemente torceram por mim.

A Maria de Lourdes dos Reis, por ter apoiado, ouvido e aturado nos momentos de necessidade.

A amiga Maria das Dores Vieira, por ter me dado à honra e o prazer de tê-la em minha vida.

Ao Prof. Dr. Carlos Alberto Santana Soares e o Prof. Dr. Ilain Costa Júnior, pelo exemplo a ser seguido.

A minha orientadora Melissa Etelvina Oliveira Rocha, por participar, contribuir e ter caminhado junto.

A minha amiga Daniele Piazzi, por todos os momentos inesquecíveis.

Agradeço também aos professores, tutores, todos da coordenação do curso e em especial aos meus colegas de curso, pela contribuição na formação desse “novo” Robson.

A todos aqueles que direta ou indiretamente apoiaram e contribuíram de alguma forma para o sucesso dessa jornada.

Dedico esse trabalho as três Marias
de minha vida e a Ana Júlia Firmino.

A arte diz o indizível; exprime o
inexprimível, traduz o intraduzível.

Leonardo da Vinci

Resumo

O presente trabalho visa observar a forma como a arte foi utilizada para promover o processo de educação e a conscientização política na sociedade brasileira. Apresenta uma breve descrição do processo histórico que levou o Brasil a ficar sob domínio de o governo militar e como as artes foram definitivamente relevantes no período de contestação. Fundamenta-se no relato oral para estudar a ocorrência desse processo na cidade de Juiz de Fora, descreve os processos de intervenção urbana que usufruíram das diversas artes, entre elas as Artes Visuais, para promover o debate e a educação social na cidade. Aponta uma possibilidade de construção de conhecimentos que interajam com a emoção, através do pensar, do apreciar e do fazer arte por meio de oficinas organizadas em espaço público.

Palavras-chave: Educação, Sociedade, Intervenção Urbana, Artes Visuais.

Abstract

This study aims to observe how art was used to promote the process of education and political awareness in Brazilian society. It presents a brief description of the historical process that led Brazil to stand on domain the military government and how the arts were definitely relevant in the dispute period. It is based support the oral report to study the occurrence of this process in the city of Juiz de Fora, describes the urban intervention processes that enjoyed the various arts , including the visual arts, to promote debate and social education in the city . Points to a possibility of building knowledge to interact with emotion, through thinking, appreciate and make art through workshops organized in public space.

Keywords: Education, Society , Urban Intervention , Visual Arts.

Lista de Ilustrações

Figura 1 –	Jornal O Lince	12
Figura 2 –	Jornal O Pasquim	15
Figura 3 –	Reprodução da Obra Tropicália	16
Figura 4 –	Cenas da peça Roda Viva	19
Figura 5 –	Cartazes dos filmes Deus e o Diabo na Terra do Sol, Vidas Secas e Os Fuzis	21
Figura 6 –	Fotos de Cenas dos filmes Deus e o Diabo na Terra do Sol, Vidas Secas e Os Fuzis	21
Figura 7 –	Capas dos LPs de Chico Buarque e da Tropicália	22
Figura 8 –	Capa do LP de Roberto Carlos e roupas da Jovem Guarda	24
Figura 9 –	Obra A Morte no Sábado	25
Figura 10 –	Obra Projeto Cédula	25
Figura 11 –	Obra Trouxas Ensanguentadas	26
Figura 12 –	Foto da Praça Jardim Gloria	28
Figura 13 –	Foto da Praça Jardim Gloria	30

Sumário

INTRODUÇÃO	11
1 – No contexto histórico da Ditadura Militar	12
1.1 – Ditadura Militar e Movimentos Culturais	14
2 – Artes Visuais e Intervenção Urbana Estudantil no Brasil	18
3 – Ensino de Artes Visuais e Intervenção Urbana Estudantil em Juiz de Fora – MG	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38
ANEXOS	41

Introdução

Todo tipo de arte, em destaque as Artes Visuais, é uma parte da cultura. Pensar o mundo em processos estanques é separar as artes das demais ocorrências existentes nesse mundo. Em uma visão simplória entendemos que ainda existe uma relativa distância entre as áreas do conhecimento. Assim, baseando-nos nesse pensamento, defendemos e acreditamos na necessidade de se promover uma maior interação que permita maior troca de informações entre as diversas fontes de conhecimento existentes, que permita um maior diálogo entre as ciências para diminuir o distanciamento que, de certa forma, promove um afastamento entre os variados campos do saber humano. É isso, guardadas as devidas proporções, o que ocorre entre ciência e Artes Visuais, tendo a primeira como um conjunto de informações que podem ser adquiridas através da experiência ou da introspecção e obedece a parâmetros como o da reprodutibilidade, capacidade de ser repetida num local e por qualquer pessoa, e o da refutabilidade, onde a teoria poderá ser submetida a provas que a contradiga e/ou a contrarie; e a segunda sendo uma criação humana de valores estéticos, que representam um conjunto de procedimentos utilizados para realizar a criação de uma obra de arte que, assim, possui um significado único e diferente, não podendo ser submetida ao parâmetro da reprodutibilidade ou da refutabilidade. Talvez seja isso o que ocorra entre História, Educação e Artes Visuais, aqui representadas no trabalho de avaliação e interpretação das Intervenções Urbanas ocorridas em Juiz de Fora, entre 1975 e 1985, e que usou como ferramenta educacional conscientizadora, as Artes Visuais.

O presente trabalho, pois, procura explicar o uso das Artes Visuais em intervenções urbanas ocorridas na cidade de Juiz de Fora. Para tanto trabalha inicialmente a avaliação histórica do processo de ascensão dos militares ao poder político no Brasil e a intervenção dos diversos movimentos culturais do período. Já em um segundo momento avaliamos mais profundamente a participação estudantil nos movimentos de contestação política e sua reorganização. Finalizamos promovendo um debate sobre a relação artes e intervenções urbanas na cidade de Juiz de Fora, e o desenvolvimento de um “novo” modo de ensinar/conscientizar através do uso das Artes Visuais.

Cap. I – No Contexto Histórico da Ditadura Militar

Em 1964, mais especificamente na madrugada do dia 31 de março, ocorreu no Brasil um dos fatos mais importantes e marcantes de nossa história. Foi nessa data que o Golpe Militar, orquestrado pelas forças armadas contra o governo do então presidente João Goulart, foi deflagrado. A ação foi tão forte e rápida que o governo civil e os militares legalistas que lhe apoiavam não conseguiram se organizar e promover uma reação para conter os golpistas. O mesmo ocorreu com uma tentativa de greve geral proposta pelo Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) em apoio ao governo legalmente constituído. Diante de tanta tensão e buscando uma solução o presidente buscou abrigo e segurança indo para Brasília no dia 1º de abril e, posteriormente, seguiu para Porto Alegre, onde Leonel Brizola tentava organizar uma resistência armada. O presidente Jango, na intenção de evitar o derramamento de sangue, desistiu de levar adiante o confronto armado contra os golpistas e preferiu partir para o exílio no Uruguai, de onde só retornaria ao Brasil para ser sepultado, em 1976. Há nos dias atuais muitas especulações sobre sua morte e muitos defendem a teoria de que o presidente morreu vítima de envenenamento, planejado na chamada “Operação Condor”.

Antes mesmo de o presidente deixar o país os militares já haviam declarado vaga a presidência da República. O poder real já se encontrava nas mãos dos militares e no dia 2 de abril foi organizado o Comando Supremo da Revolução, que era composto por três membros militares sendo um representante da Marinha, um representante da Aeronáutica e um representante do Exército. Esse triunvirato administrativo foi a primeira representação da imposição controladora que o governo militar iria implantar no país.



FIG.1 – Jornal O Lince. Fonte: www.guiamanhuacu.com.br

Logo após o golpe teve início uma violenta repressão que atingiu todos os setores politicamente organizados ou aqueles que tentavam se organizar. Instituições como a Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), a União Nacional dos Estudantes (UNE), a Juventude Universitária Católica (JUC), a Ação Popular (AP) e as Ligas Camponesas, entre outros, foram duramente repreendidos e passaram a ser vigiados de perto. Alguns passaram a atuar na ilegalidade. Milhares de pessoas foram presas irregularmente. Iniciou-se os procedimentos de tortura e desaparecimento de pessoas em todo o país. Agora a democracia brasileira era uma página do passado.

Foi nesse período que os militares baixaram o primeiro Ato Institucional com o objetivo claro de justificar os atos que estavam ocorrendo no país. Assim, milhares de Inquéritos Militares (IPMs) surgiram para “apurar” a verdade sobre os fatos. As pessoas, independente de suas funções ou posição dentro da sociedade, foram atingidas e tiveram seus direitos suspensos. Ao todo os militares editaram 17 Atos Institucionais durante os anos de 1964 e 1970, e estes tiveram abrangência até a década de 80.

O AI-5, que proibiu manifestações nas ruas, entre outras medidas duras, ficou marcado como o mais repressivo de todos e, às vezes, é confundido como o último dos atos – na reedição paulista da Marcha da Família de 2014, alguns saudosos do governo militar clamavam por um AI-6. O sexto Ato Institucional, no entanto, foi assinado em 1969 e determinou que a Junta Militar poderia julgar, além de crimes militares, civis que atentassem contra a segurança nacional, função desempenhada até então exclusivamente pelo Judiciário. Curiosamente, o primeiro dos Atos Institucionais só veio a se chamar AI-1 com a publicação do segundo, pois se pensava inicialmente que seria único e, portanto, não havia necessidade da numeração. Engano: o regime militar apresentou o total de 17 AIs em cerca de cinco anos e meio. Assim como o AI-5, outros foram altamente repressivos, como o AI-13, por exemplo, que autorizava o governo a expulsar do Brasil "cidadãos perigosos" à segurança nacional, ou o AI-15, que permitia prender jornalistas por divulgarem notícias falsas ou fatos verdadeiros deturpados¹

Não podemos negligenciar duas questões: o fato de que importantes setores da sociedade brasileira apoiaram o golpe promovido pelos militares. Grandes empresários, parte da imprensa, latifundiários, a ala mais forte da Igreja Católica, muito políticos importantes e amplos setores da classe média solicitaram e estimularam a intervenção militar. A ideia desses grupos era por fim à ameaça de esquerdização do governo, uma vez que Jango passou a ser visto como um comunista ao se aproximar da China, e

¹ Fonte: <http://noticias.terra.com.br/brasil/ato-institucional>.

controlar a crise econômica presente no momento. Outro fato importante foi a forma com o qual o governo norte-americano recebeu o golpe militar brasileiro. O alívio do governo norte americano encontra-se no fato do Brasil não poder mais seguir o mesmo caminho de Cuba. Para garantir que isso não aconteceria acompanharam de perto a conspiração e o desenrolar dos acontecimentos, depois, através da secreta “Operação Brother Sam”, se prepararam para dar apoio logístico aos militares golpistas. Hoje é consenso que grande parte dos golpes militares e das ditaduras que se implantaram na América do Sul teve influencia direta do governo dos Estados Unidos.

Na visão dos militares que estavam no poder e ditavam as regras, a ameaça comunista que pairava sobre o país não vinha de fora. Para eles a principal ameaça a ordem capitalista e segurança nacional estavam aqui dentro, eram pessoas que desempenhavam funções em diversas áreas, eram brasileiros que atuavam como “inimigos internos” e procurariam minar as bases do sistema e implantar o comunismo gradativamente. Assim, para essa parcela da liderança militar, era necessário conter todo e qualquer tipo de manifestação. Aos poucos os governantes militares começaram a ver ameaça em tudo e qualquer tipo de opinião passou a ser considerada subversiva e eliminada imediatamente. Isso ocorreu em todos os campos inclusive no cenário cultural e artístico. Com o golpe de 1964, deu-se início à implantação de um regime político marcado pelo "autoritarismo radical", isto é, um regime político que privilegiava a autoridade do Estado em relação às liberdades individuais, e o Poder Executivo em detrimento dos poderes Legislativo e Judiciário. Assim, as artes passaram a ser fiscalizadas e controladas.

1.1 – Ditadura Militar e Movimentos Culturais

Desde o início de sua imposição sobre a sociedade brasileira que os militares utilizaram as mais diversas formas de controle e dominação sobre as pessoas e organizações. A oposição ao governo era combatida através de vários mecanismos. O Ato Institucional e a censura foram apenas duas dessas diversas ferramentas de dominação e coerção da opinião pública.

Mesmo com tanta radicalidade por parte das autoridades o sistema de repressão não foi capaz de impedir que diversos grupos conseguissem divulgar sua mensagem e promover uma reação contra a ditadura. Dentre as diversas formas de manifestações contra o regime autoritário, entre elas a luta armada, encontramos larga participação do

setor cultural. Os jornais, revistas, etc., participavam ativamente e serviam como veículo de divulgação e denúncia através de suas metáforas, muitas delas totalmente bem humoradas.



FIG.2 – Jornal O Pasquim. Fonte: <http://educacao.globo.com/historia/assunto/ditadura-militar/manifestacoes-culturais>

O teatro apresentava espetáculos com forte teor revolucionário e anti-ditadura. Peças eram organizadas, encenadas e montadas para promover reflexão sobre os fatos. Logo os grupos ligados aos estudantes entraram em cena. O Centro Popular de Cultura (CPC), ligado a União Nacional dos Estudantes (UNE) compartilhava a ideia de que o teatro era uma importante arma de combate político. Muitos grupos e companhias de teatro foram extintas com o AI-5 e a forte repressão advinda de sua existência. Mas a luta cultural contra o totalitarismo não cessou.

O cinema foi outra fonte cultural de grande importância na luta. Após ganhar o viés de “Cinema Novo”, passa a dar sua contribuição pela redemocratização do país, desempenhou importante papel na conscientização política sobre a realidade brasileira.

Ao mesmo tempo em que a luta daqueles que eram contra o domínio dos militares crescia e ganhava diversas formas, a censura radical aos canais de informação, a produção cultural, editoração de livros e revistas, a produção cinematográfica, a televisão,

etc., ficava mais intensa. O governo acompanhava tudo muito de perto com o objetivo de passar a impressão de que tudo estava na mais perfeita ordem dentro do Brasil.

No campo cultural as transformações acompanharam o ritmo das mudanças políticas. Assim, seria função da arte e da cultura a árdua tarefa de abrir os olhos do povo, de conscientizar as massas e promover o resgate da cultura brasileira, da cidadania e da democracia. Era necessário mergulhar nas profundezas da cultura brasileira para poder superar e promover o surgimento da identidade cultural nacional. Parece que os estudantes perceberam muito claramente essa necessidade.

O Movimento Tropicalista pode ser entendido como o mais famoso e importante movimento de contestação do período militar. Foi fato que trouxe diversas contribuições para a formação sócio-cultural da sociedade brasileira, pois, de acordo com seu desenvolvimento, abriu um grande leque de inovações e mudanças, dentre elas a busca pela liberdade corporal; a inserção de novos instrumentos musicais, variação de sons e cores, entre outras tantas inovações. Essas contribuições se infiltraram em todas as camadas sociais possibilitando a formação de novos costumes.

Quando a Tropicália surgiu em 1967, o Brasil já vivia por mais de três anos sob o Regime Militar. O movimento se manifestou principalmente na música, mas também atingiu outras esferas culturais como artes plásticas, cinema e poesia. Em outras palavras, abarcou em seu interior também as Artes Visuais, pois o próprio nome é uma apropriação do nome da obra exposta pelo artista Hélio Oiticica na exposição “Nova Objetividade Brasileira”, realizada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro em abril de 1967.



FIG.3 - Reprodução da obra Tropicália de Hélio Oiticica. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=fotooriginaldatropicaliadeheliooiticica>

Levando em conta o grande destaque que o movimento tropicalista proporcionou para a música popular brasileira e apesar de muito do movimento ser no campo musical, Hélio Oiticica e outros criadores nas Artes Plásticas, assim como Glauber Rocha e seu Cinema Novo na esfera audiovisual; entre outras renomadas figuras de destaque no campo cultural e artístico de nosso país, também tiveram sua parcela de contribuição para o descortinar dos fatos e o crescimento da cultura. O movimento abriu caminhos para um novo repensar cultural. Gilberto Gil (2008) afirmou que “o tropicalismo é um movimento que foi abrindo caminho: ele limpou, arou , semeou, mas não colheu².”.

Desta forma, vale ressaltar que o movimento Tropicalista foi, sobretudo, musical, mas não deixou de ser uma tendência artística presente em diversas manifestações culturais da época, transformando os critérios de gosto vigentes quanto à política, à moral, ao comportamento, ao corpo, ao sexo e ao vestuário. Os dilemas ideológicos de oposição, ação e combate eram definitivamente um desafio para os tropicalistas. A Tropicália já dava sinais de que viria a ser um movimento que transformaria o contexto instaurado, impregnando traços de irreverência e originalidade aos modelos pré-estabelecidos. Essa mesma força transformadora abriu caminho para que grupos estudantis organizados passassem a usar as artes visuais e a intervenção urbana como forma de educação popular.

A contribuição qualitativa mencionada por diversos artistas do ramo musical, não aconteceu como fato isolado, mas em conformidade com a renovação da arte brasileira em diversos campos que iam da arquitetura à poesia concreta, passando pelas artes visuais e todos os seguimentos existentes. Época em que o país estava em pleno desabrochar cultural de uma nova época que se configurava em uma onda renovadora.

A intervenção na cena cultural do país foi mais crítica do que política. Por esse motivo a organização, para os universitários da chamada "linha dura" do movimento estudantil, deveria investir no processo de uso e transmissão da arte ao povo como forma de ensinar e, ao mesmo tempo, conscientizar as pessoas. A questão do momento era como fazer isso? A saída passava pelo processo de intervenção urbana através das diversas formas de arte. As inquietudes antes adormecidas fizeram com que a Tropicália representasse um importante marco na nossa modernidade, levando o público a enxergar com maior senso crítico e menos egocentrismo o cenário cultural de um modo geral.

² Documentário *Panis Et Circensis*, apresentado no Blog Aleatorium em 14 de agosto de 2008.

Cap. II – Artes Visuais e Intervenção Urbana Estudantil no Brasil

Pensar a arte como ferramenta de transmissão de idéias e ao mesmo tempo como forma de promover uma elevação cultural das pessoas passou a ser uma ideia fixa na cabeça de muitos pensadores e estudantes. Campos (1981) defende a posição que tudo isso era reflexo da soma de diversos fatores e que, juntos, proporcionariam crescimento cultural e social.

Tratava-se, pois, de uma conjunção de múltiplos fatores, terreno fertilizado, propício à irrupção em meio aos artistas, de uma coragem artístico-cultural para a radicalidade, minando a “mentalidade derrotista, segundo a qual um país subdesenvolvido só pode produzir arte subdesenvolvida. (CAMPOS, 1981, p. 17).

Podemos perceber mudanças e até mapear o rumo que os fatos seguiram dentro do contexto histórico. Mas pegando como exemplo a participação estudantil nos acontecimentos das décadas de 60, 70 e 80, momento onde ocorria uma grande preocupação por parte das organizações políticas existentes dentro do Movimento Estudantil, que lhes direcionava para um maior contato com o povo, fomentava a necessidade dos estudantes se engajarem mais junto às classes excluídas e desinformadas da sociedade, constatamos que o Movimento Estudantil (ME) se organizou contra a ditadura militar e em defesa da classe trabalhadora, lutando por melhores condições de vida, por acesso a informações, liberdade de expressão, etc. Em outras palavras, a liberdade deveria ser conquistada e o processo de educação das massas seria um caminho para estabelecer uma ligação direta e uma identificação entre os estudantes e os trabalhadores. Como destaca Santos (2009, p. 488), a ideia era promover um “processo de proletarização”. Essa ação deveria aproximar os militantes das organizações estudantis e partidos políticos dos diversos tipos de trabalhadores para que esses se sentissem parte da própria organização, para que a organização fosse tida por eles como acessível e aberta. Não podemos esquecer que grande parte dos estudantes e dos artistas era de origem pequeno-burguesa e isso promovia um distanciamento entre eles e as classes trabalhadoras.

Para os artistas do CPC e, principalmente, para Carlos Estevam, a arte deveria ser popular e revolucionária, deveria tratar das questões relativas ao povo e também conscientizá-lo da sua condição de classe revolucionária. Em suma, havia uma correlação entre arte e política e somente a arte engajada, com o fim de educar o povo, era tida como

relevante para o CPC. No entanto, o maior problema enfrentado pelos cepecistas foi justamente a distância entre o artista e o público. Como falar sobre ou para o povo se os artistas não pertenciam a ele? Se eles próprios eram integrantes de uma classe distanciada do povo? (SANTOS, 2009, p. 493).

Não havia uma ação totalmente inovadora nesse momento de nossa história. Na verdade os acontecimentos do momento pegaram carona nas ocorrências mundiais das décadas anteriores. Brandão e Duarte (1990) e Groppo (2000) destacam que no mundo todo, estes anos foram marcantes em termo de mobilização social e cultural. A arte de uma forma geral (música, literatura, pintura, cinema, teatro, etc.) e os movimentos sociais brasileiros foram influenciados e impregnados por este clima acalorado de mudanças, transformações, conquistas de uma cultura nacional e liberdade em diversos âmbitos. Desde a década de 50 que essa “revolução cultural” já se fazia presente no mundo e no Brasil.

No período de dominação militar, principalmente nos anos 60 e 70, essas transformações sociais que já se materializavam há anos, reivindicadas pelos diversos grupos e movimentos sociais que cresciam em termos de mobilização contra o governo e em contingente de participantes, apresentam uma nova roupagem. Ocorre uma nova transformação no campo da cultura e na forma como essa passa a ser utilizada e divulgada. Podemos usar como exemplo o teatro, que caracterizou-se como arma de luta e resistência ao propor a discussão da realidade brasileira, elencando diversas questões sobre nossa realidade em suas apresentações. Muitas peças trabalhavam a encenação da vida comum. A empregada doméstica, o operário, o trabalhador braçal, eram os personagens principais e suas histórias eram o enredo a ser contado no palco. Sendo assim, se seguia um viés de aproximação com o povo, tentando conscientizar a população e levar esse tipo de arte aos que não tinham contato com ela, tentando levar oportunidade de ir ao teatro a todos aqueles que eram excluídos dessa possibilidade.



Cena de Roda Viva

FIG. 4 - Cenas da peça Roda Viva de Chico Buarque. Disponível em: https://www.google.com.br/search?q=foto+da+pe%C3%A7a+roda+viva&gws_rd=ssl

Alguns militantes acreditavam que era necessário banalizar a forma de se fazer arte para que essa pudesse chegar ao povo de uma forma mais compreensível, menos intelectualizada e rebuscada. Para muitos quanto mais próximo da linguagem popular mais a arte seria entendida pelas pessoas, mais se tornaria fonte de transmissão de ideias, atingiria seu objetivo e seu público alvo. Partindo desse princípio muitas peças foram apresentadas nas ruas, em pátios de fábricas, em escolas, nas praças. Até mesmo no momento histórico de maior dificuldade, quando o governo endureceu a fiscalização sobre as ações dos militantes estudantis, desarticulou organizações e censurou grande parte dos espetáculos, mesmo nesse momento se encontrou um jeito de transmitir a mensagem e reforçar a luta.

...a encenação de peças durante as assembleias, a formação de grupos específicos de atuação junto ao restaurante universitário, o uso de técnicas corporais para organização de manifestações e promoção de discussões, entre outras, confere ao teatro um papel político mais definido. Ao mesmo tempo, a incorporação de técnicas teatrais às lutas internas acadêmicas produz resultados políticos inovadores: a montagem de cenas rápidas do cotidiano acadêmico durante as refeições, nas filas, nas assembleias auxilia a transmissão de informações e a organização dos movimentos. (PELLICCIOTTA, 1997, p. 177)

No cinema as questões relacionadas a cultura beberam na fonte do chamado “Cinema Novo”. Muito importante nos anos 60, destacou-se como um cinema revolucionário, engajado na luta contra o autoritarismo e, ao mesmo tempo, capaz de retratar a realidade de boa parte da população brasileira. Filmes como *Vidas Secas* (1963) de Nelson Pereira dos Santos, *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964) de Glauber Rocha, *Os Fuzis* (1964) de Ruy Guerra, entre outros, são alguns exemplos do tipo de cinema conscientizador que se produzia na época.

Para os estudantes o teatro e o cinema eram exemplos a serem seguidos. Viam a arte e a cultura como um canal para alcançar o povo e promover a conscientização do proletariado sobre sua condição de explorado. Essa preocupação de atingir e conscientizar o cidadão comum, o trabalhador, o proletariado, de denunciar as condições de exploração existentes no campo, vinha da ideologia de luta revolucionária presente no Brasil e ante golpe militar. Para esses militantes tudo aquilo que era produzido no campo da arte e da cultura deveria ser largamente divulgado e direcionado ao povo, pois elas tinham um caráter emancipador a medida que podiam ser utilizadas com a finalidade de educar e ensinar as pessoas.



FIG. 5 - Cartazes dos filmes: Deus e o Diabo na Terra do Sol, Vidas Secas e Os Fuzis. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=foto+de+vidas+secas>



FIG. 6 - Foto de Cenas dos filmes: Deus e o Diabo na Terra do Sol, Vidas Secas e Os Fuzis. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=foto+de+vidas+secas>

Na música não foi diferente; legado do movimento tropicalista fez florescer um jardim de contestação em letras fortes e melodias diversas. Durante o final dos anos 60 e boa parte dos anos 70 ocorreu muito engajamento dos músicos na luta contra a ditadura militar. Talvez a música tenha se tornado, junto com o cinema, o meio cultural de maior alcance e profundidade nas camadas populares. Não podemos perder de vista que durante os anos 50 e 60 diversas transformações culturais ocorreram no mundo todo. Marcados pela efervescência do *rock* e pela *black music*, que tendo uma visão mais crítica e radical dos fatos, fez surgir uma juventude mais rebelde e diferenciada. O rock e a MPB passaram a ser o símbolo da rebeldia dessa juventude e seu meio de expressão.

Como vimos anteriormente, os estudantes participavam ativamente da luta e usavam todo tipo de cultura e arte para promover uma conscientização popular. Ano após

ano as gerações seguintes herdavam a criticidade que era repassada através do teatro, do cinema, da música, etc.



FIG.7 - Capas dos LPs de Chico Buarque (1973) e da Tropicália (1968). Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=capa+de+lp+da+tropicália>

Assim como com o teatro, o cinema e a música, outros campos das artes também eram largamente usados para espalhar a educação e a conscientização das pessoas. Entre essas diversas composições encontramos as intervenções urbanas.

O governo militar não estava gostando nada dessa utilização da arte e da cultura pelos opositores e promoveu uma desarticulação de seu uso e da resistência estudantil. O Brasil, logo no início da década de 70, foi sacudido pela desarticulação política dos movimentos sociais. Com os diversos Atos Institucionais muitas organizações foram jogadas na ilegalidade. Muita gente desapareceu ou foi exilada para outro país como forma de evitar a divulgação de ideias. Diversas peças, músicas e filmes foram proibidos e se trabalhou para promover um fortalecimento da indústria cultural.

Os governos militares sempre tiveram certa preocupação com a questão da educação e da cultura. Assim como os movimentos estudantis, acreditavam que se tratavam dos principais canais por onde circularia diversas formas de ideologia. E para evitar isso tentaram controlar a criação artística criando, em 1975, a Política Nacional Cultural (PNC), que nada mais era que uma tentativa de destituir das mãos da “esquerda” o controle sobre os processos de produção cultural do país. A ideia era impedir que se incentivasse através da cultura a mobilização da sociedade.

...de 1964-1980 houve uma considerável expansão de consumo de bens culturais. A criação pelo governo da Embrafilme em 1969, ao mesmo tempo em que tornou obrigatória a exibição de filmes brasileiros na TV, fez

do cinema um tipo de entretenimento adequado ao consumidor. Ou seja, o Cinema Novo tornou-se um cinema marginal, renegado por sua característica ideológica e crítica. (SANTOS, 2009, p. 497)

Essa nova ação do governo militar, que tinha por objetivo controlar a produção de arte e cultura no país, também trabalhava com a ideia de transformar em um produto comercial e inofensivo para o campo da política, promover uma propaganda positiva do país no exterior e aumentar o mercado desse tipo de produto dentro do Brasil. Ortiz (1985, p. 114) descreve que na “medida em que o nacional se consubstancia na existência das agências governamentais, popular passa a significar consumo”. Para esse fim a Política Nacional Cultural tinha de promover e garantir os valores culturais clássicos e tradicionais, permitindo que nosso país pudesse assimilar tudo que vinha do exterior para promover a inserção desse no círculo dos países capitalistas desenvolvidos.

Assim, foi construída a indústria cultural e introduzidos os padrões de consumo de uma cultura de massa. O consumo desse tipo era sentido em diversos setores, seja no teatro, no cinema, na música, na moda, na arte, etc.

Ao mesmo tempo, via satélite, em cores e ao vivo, espalhavam-se partindo do eixo São Paulo-Rio os últimos ditames da moda, a coqueluche dos fliperamas e das discotecas, ao culto ao corpo e a valorização de padrões de beleza, a exaltação do individualismo e do consumismo. O *jeans*, que fora marca registrada da “juventude transviada” nos anos 50, dos *hippies* e da “geração engajada” nos anos 60, nos 70 vinha com *griffes* e algo mais que o anúncio prometia: “liberdade é uma calça velha desbotada”. A padronização do “moderno” chegava ao auge no Brasil dos anos 70 em meio a flagrantes contrastes e desigualdades sociais, regionais, culturais. (HABERT, 1996, p. 71)

Ao passo que certas músicas eram proibidas pelos órgãos de repressão e compositores expulsos do país, ídolos eram construídos com o claro objetivo de alienar as massas populares. Na música, por exemplo, os efeitos diretos da nova indústria cultural foram sentidos com o surgimento da Jovem Guarda e seu estilo desengajado. Em sua postura certinha e suas letras leves e sem crítica social que, entre outras facetas, era facilmente absorvida pelo gosto popular.

Esse foi um momento de contraste dentro da sociedade brasileira, enquanto os artistas e movimentos culturais de resistência que ainda existiam refugiaram-se em espaços delimitados na tentativa de reestruturar a luta, o capitalismo trabalhava na produção da arte e da cultura em um processo de fabricação, comercialização, incorporação. Grande parte desses “produtos” conseguiu ser incorporada a cultura de massa e elevou o consumismo.

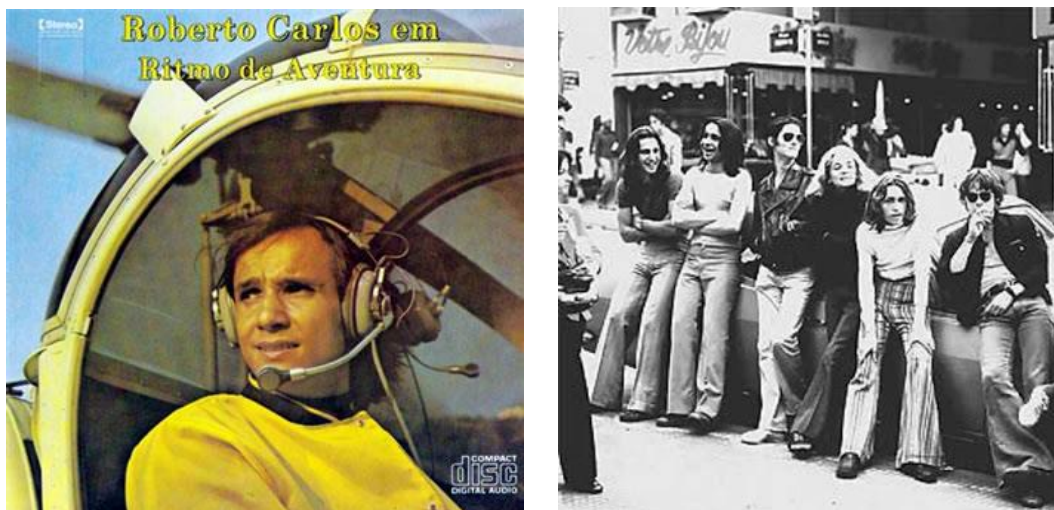


FIG. 8 - Capa do LP de Roberto Carlos (1967) e estilo de roupas da Jovem Guarda (entre 1968 e 1978). Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=roupas+usadas+na+jovem+guarda>

Os estudantes perceberam a estratégia do governo, mas não podiam lutar contra a imposição articulada que foi implantada. Grandes manifestações eram inviáveis uma vez que foi nesse período que a esquerda sofreu grandes baixas. A juventude militante das universidades mudou o foco e partiu para as manifestações culturais com mensagem subliminar e intervenções urbanas.

Cap. III – Ensino de Artes Visuais e Intervenção Urbana Estudantil em Juiz de Fora

Como é do conhecimento de todos e já foi insistentemente debatido nos capítulos anteriores, todo processo de criação era uma tarefa complicada e perigosa durante a ditadura militar. No entanto é consenso que os estudantes, pensadores e artistas da época acreditavam ser necessário apresentar através das artes questões como torturas, assassinatos, seqüestros, desaparecimentos, como forma de revelar a verdade e promover a luta contra o regime militar. Mais que isso, era urgente romper com o sistema e promover uma radical mudança na prática das artes. Diversos artistas, principalmente oriundos das artes plásticas, passaram a manifestar sua opinião sobre aquilo que estava ocorrendo dentro do país. Podemos citar como exemplos personalidades como Antonio Manoel, Rubens Gerchmann, Carlos Zilio, Antonio Dias, João Câmara, Antonio Henrique do Amaral, Cildo Meireles, Arthur Barrio, Helio Oiticica, Alex Flemming, Sergio Ferro, entre outros. Artistas desse nível propuseram em suas obras um enfrentamento cultural e político através do uso de metáforas, alegorias, alusões, duplos sentidos e fragmentação.

Desta forma, a atitude exigia uma rápida adaptação da arte e uma transformação da sociedade. A ideia era unir inconformismo, experimentalismo e crítica política de forma que a sociedade passasse a interagir com os acontecimentos e pudesse posicionar-se diante dos fatos. Assim, desenhos, pinturas, gravuras, objetos e performances iriam expor os desmandos e proporcionar a reflexão. Era necessário dar voz e rosto aos desaparecidos, torturados, assassinados. Esse tipo de ação fica muito evidente em obras como “A morte no sábado”, de Antonio Henrique, que, entre outros objetivos, visava revelar e denunciar a real causa da morte do jornalista Vladimir Herzog: a tortura.

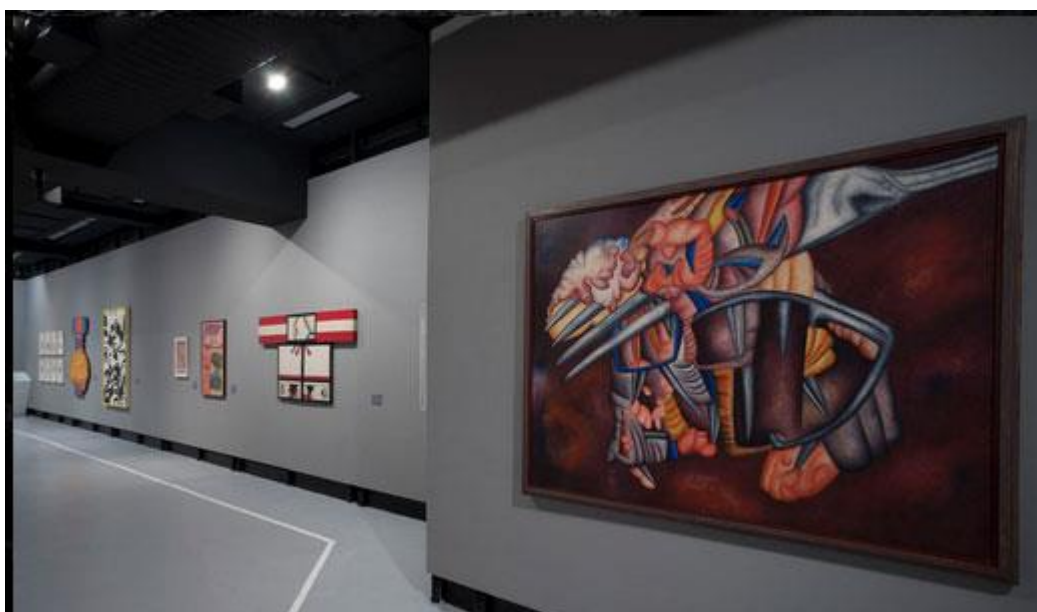


FIG. 9 – Obra A morte no sábado. Disponível em: <http://vladimirherzog.org/autor-de-a-morte-no-sabado-em-homenagem-a-vladimir-herzog-antonio-henrique-amaral-morre-aos-79-anos/>.

Outra obra que mesmo tendo forma de realização e construção diferentes da anterior, tinha em princípio o mesmo objetivo, era o trabalho de Cildo Meireles intitulado “Projeto Cédula”. A ideia desse artista era denunciar a morte como assassinato e não suicídio e, ao mesmo tempo, driblar a censura imposta a imprensa e promover uma reflexão social.



FIG. 10 – Obra Projeto Cédula. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=foto+da+obra+Projeto+C%C3%A9dula+de+Cildo+Meireles&hl=pt-BR>

Também podemos citar como exemplo Arthur Barrio com sua obra nomeada “Troupas ensangüentadas”. A ideia desse artista era chocar a opinião pública e promover a reflexão coletiva sobre as mortes que estavam ocorrendo. Para isso espalhava sua arte por vários lugares da cidade denunciando os assassinatos e a desova de corpos em lugares afastados.



FIG. 11 – Obra Troupas ensangüentadas. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=foto+da+obra+Projeto>

Na luta por liberdade de expressão e por maior participação política, sem o que não seria possível se chegar a uma sociedade democrática e nem criar uma arte independente dos crivos da censura, muitos de nossos artistas foram silenciados. O governo ditatorial calou a todos e impôs seu domínio, como mostra as diversas obras do período. Era necessário buscar outro caminho.

Em Juiz de Fora os envolvidos na resistência política, muitos deles estudantes, encontraram uma maneira original de usar as artes para educar politicamente parte da sociedade. Acreditamos que esse tipo de ação ocorreu também em outras cidades de nosso país. Como era necessário que a atividade não despertasse suspeitas, os organizadores mudaram o foco e o modo operante da ação. Agora ensinavam técnicas de

arte livre e distribuíam materiais como tintas, pinceis, massas, argila, etc., entre as crianças. Possivelmente o grupo idealizador desse tipo de ação acreditava que não seria viável ensinar esse tipo de arte aos adultos para não chamar a atenção das autoridades. Que seria mais eficaz para o processo de resistência e produziria melhores resultados, jovens mais conscientes e participativos, se a educação social política tivesse início através da introdução da arte, principalmente das artes visuais, na vida de crianças. Isso não queria dizer que os adultos estavam excluídos do processo, que adultos não poderiam participar, mas não eram eles mais o centro das atenções. O foco agora eram as crianças.

O modo operante dessa nova forma de ação se baseava naquilo que anos antes se tentou com o teatro. Ou seja, ir até onde as pessoas excluídas do processo estavam e permitir ao povo maior e melhor contato com a cultura e as artes. Mas nessa nova forma de educação popular também foi introduzido o contato. Enquanto no uso da música, nas peças de teatro, nos diversos e polêmicos filmes do cinema, não havia participação direta das pessoas. Enquanto nesses casos o público somente assistia e ouvia sem poder interagir diretamente, em Juiz de Fora, na forma imaginada por esses engajados da contra-ditadura, as pessoas não somente participariam diretamente através da produção pessoal de obras de arte como também teriam sua criação exposta diante de todos que ali se encontrassem. Poderiam então, através de sua pintura ou escultura, por exemplo, manifestar suas opiniões sobre o mundo, o país, a política, as pessoas, o meio ambiente, ou, em outras palavras, poderiam manifestar sua visão de mundo. Ao mesmo tempo iriam entrar em contato com as obras de outras pessoas e, conseqüentemente, com a visão de mundo e as opiniões dessas outras pessoas. Diversas opiniões sobre diversas temáticas iriam se misturar e promover reflexões e crescimento intelectual.

Como isso era feito? Para responder a essa pergunta nos baseamos em uma experiência pessoal vivida no ano de 1981 e que de certa forma se tornou a mola propulsora desse trabalho de pesquisa. Infelizmente não há registros visuais dessa ação, pois não havia câmaras fotográficas digitais e todo o processo com câmaras analógicas era financeiramente caro e complicado. Se existem registros visuais oficiais dessas atividades, coisa que duvidamos muito devido ao forte controle imposto pelos militares, não fomos capazes de localizar tais imagens. Se existem registros pessoais em arquivos particulares de pessoas que passaram por similar experiência, não tivemos tempo hábil para tentar localizar tal acervo.

No ano supracitado morávamos em um bairro chamado Jardim Gloria. Há nessa área uma praça conhecida como “Praça da Mina”. Nessa praça foi organizado um

movimento de intervenção urbana que funcionou através da divulgação da arte entre as crianças moradoras da região. Os organizadores, possivelmente estudantes ligados aos cursos de Educação Artística e Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, dividiram o espaço e instalaram diferentes oficinas. Em um dos braços de acesso ao centro da praça desenrolaram metros e metros de papel pardo, fixando-o ao chão com o auxílio de pedras. Sobre o papel depositaram vidros de tinta guache (cores primárias) e pinceis. Todas as crianças que passavam pelo local eram convidadas a pintar alguma coisa no papel e ajudar na construção de um painel. Não demorou muito e o espaço destinado a pintura ficou lotado de crianças e adolescentes. Durante todo o processo de construção coletiva os organizadores ajudavam ensinando técnicas como: mistura de cores primárias para formar novas cores, uso de partes do corpo para obtenção de formas e figuras (exemplo: apoiar a mão e contornar com o pincel), unificação de desenhos para a formação de novas figuras, etc. Com o passar do tempo os participantes começaram a trocar informações, desenhar juntos, unificar desenhos, desenvolver novas formas de pintura.



FIG. 12 - Foto da Praça Jardim Gloria. Disponível em:
<https://www.google.com.br/search?q=foto+praça+jardim+gloria>

Em outro braço de acesso ao centro da praça montaram uma oficina de escultura. Nesse espaço espalharam vários pedaços menores de papel pardo e sobre eles depositaram potes com argila, palitos de picolé e garrafinhas de água, sempre que a água acabava alguns participantes eram escolhidos para buscar mais na mina que fica na praça. As pessoas que quisessem participar poderiam usar o material e confeccionar esculturas. Os monitores ajudavam ensinando técnicas como: amolecer a argila, modelar

a argila, unir partes para formar um todo na obra, como tornar a obra mais lisa, etc. O tempo todo eles incentivavam a participação coletiva na construção das esculturas.

Já em outro acesso ao centro da praça foram disponibilizados sobre cartolinas e folhas de papel pardo materiais como: revistas, jornais, folhas de papel ofício, tesouras sem ponta e vidros de cola. Os participantes dessa atividade eram incentivados a construir obras visuais através da colagem de imagens. Os organizadores ajudavam o tempo todo e davam orientações sobre técnicas de colagem. Orientações como colagem de figuras sobrepostas, unificação de diferentes figuras para formar uma nova e terceira imagem, uso de figuras coloridas, uso de figuras pretas, etc., ajudavam os participantes a desenvolver sua construção e projetar imagens inovadoras no papel. Nessa atividade também era incentivado o trabalho em grupo, a construção coletiva.

No quarto acesso para o centro da praça foi feita uma oficina diferente. Os organizadores espalharam no chão diversas folhas de cartolina e sobre elas vidros de cola, folhas de papel ofício e palitos de picolé. Os participantes poderiam construir através da colagem de palitos qualquer coisa que desejassem. Poderiam fazer quadros, esculturas de palitos, figuras geométricas, etc. A imaginação era o limite para a construção nessa oficina. Também nesse caso os organizadores incentivavam a construção de obras coletivas.

Cabe ressaltar que a praça citada é razoavelmente grande para os padrões de Juiz de Fora e diversos pontos de acesso levam ao centro da praça. No ano de 1981 havia no centro um teatro de arena. Esse espaço foi usado para encenação e apresentação de peças teatrais criadas e encenadas na hora. Os organizadores separavam grupos de voluntários e juntos elaboravam estórias, encenavam e apresentavam para os outros participantes. Nessa intervenção também ocorreu contação de histórias, apresentação de palhaços, música ao vivo na praça. Todos eram convidados a participar daquilo que achasse mais interessante. O tempo de duração da ação foi longo, algo em torno de umas quatro ou cinco horas.



FIG. 13 - Foto da Praça Jardim Gloria. Disponível em:
<https://www.google.com.br/search?q=foto+praça+jardim+gloria>

Hoje é muito claro para nós que as orientações técnicas fornecidas pelos organizadores e o constante incentivo ao trabalho em grupo tinha por objetivo desenvolver no coletivo dos participantes a consciência de grupo. O processo educacional organizado visava promover a conscientização coletiva através das artes.

Desta forma, para tentar confirmar nossa hipótese sobre a forma como o processo foi realizado em Juiz de Fora, se esse tipo de intervenção ocorreu somente na praça do bairro Jardim Gloria, se essa ação foi orquestrada ou somente um fato isolado, entrevistamos 50 pessoas entre os dias 20/10/15 e 10/11/15. Os participantes foram escolhidos de forma aleatória. O único critério de seleção foi idade, uma vez que pessoas com 40 anos ou menos teriam nascido em 1975 ou depois dessa data e, conseqüentemente, seriam muito jovens na época e dificilmente teriam lembranças pertinentes sobre as ações desse período. Dentre as pessoas entrevistadas algumas mantêm ligação direta com o magistério e são professores, coordenadores, secretários, bibliotecários, etc. Outras desenvolvem atividades fora do quadro do magistério e atuam em diversos ramos profissionais.

Das 50 pessoas que participaram voluntariamente das entrevistas 6 afirmaram ter vivido experiência similar. As outras 44 pessoas foram taxativas ao declarar que nunca haviam vivido tal situação. Ou seja, 12% das pessoas percebem ocorrências parecidas em sua história de vida.

Maurílio tem 47 anos, é Doutor em Educação Matemática e professor da Rede Municipal de Educação de Juiz de Fora. Ao participar de nossa conversa informal (entrevista) relatou que quando esteve em Juiz de Fora, no ano de 1980, participou de um evento organizado em praça pública. Segundo ele, foi organizada uma mostra de cinema na Praça e dois filmes foram apresentados. Não soube informar ao certo qual era o logradouro onde esse evento ocorreu; cabe ressaltar que o professor Maurílio é natural de Muriaé e não conhecia muito bem a cidade de Juiz de Fora naquela época, vindo a se mudar definitivamente para a cidade somente depois de adulto. Acredita que o evento tenha ocorrido na Praça do Riachuelo ou na Praça Jarbas de Lery. Não soube dizer os nomes das obras cinematográficas, mas acha que eram chanchadas e falou que um era filme mudo. Informou ainda que todas as pessoas que passavam eram convidadas a assistir, muitos se recusavam e até atravessavam para o outro lado da rua. Relatou ainda que a polícia estava presente e prestava atenção em tudo que estava ocorrendo no local. Não soube relacionar o evento a uma possível manifestação contra o governo militar, mas acredita que possivelmente se tratava de algum tipo de conscientização popular.

Já Maria tem 50 anos, é natural de Juiz de Fora, Mestre em Serviço Social, Assistente Social da Prefeitura Municipal de Vassouras, no estado do Rio de Janeiro, e professora do Centro Universitário Geraldo de Biáze – CUGB. Segundo relato fornecido pela mesma durante nossa conversa participou de um evento na Praça Central do bairro de Benfica no ano de 1981. Informou que as crianças eram organizadas em grupos e havia diversas atividades das quais podiam participar. Lembra-se de ocorrer “aulas de pintura em tecido” e relatou uma experiência interessante:

...eles colocaram um grande lençol no chão, acho que era branco ou amarelo bem clarinho! Depois colocaram tinta sobre pedaços de papelão e orientaram a andar sobre o lençol. Aos poucos foi ficando tudo cheio de marcas de pés e demos o nome de passos da humanidade. Foi muito legal!!! (Relato de Maria, texto em anexo)

A professora relatou ainda a ocorrência de “modelagem com massa” e atividades de “dobradura de papel”. Quando questionada sobre uma possível relação entre os eventos de artes organizados nessa Praça e uma resistência ao governo militar foi clara em sua resposta:

Dizer que percebia isso na época é uma mentira! Naquele momento tudo era uma festa, tudo era legal e divertido, a ideia era pintar, soltar balões, cantar, dançar, essas coisas! Muita gente nem tinha conhecimento direito sobre o que era o processo de abertura política que estava ocorrendo.

Hoje, depois de estudar e conhecer a realidade dos 20 anos de ditadura militar em nosso país fica fácil afirmar que se tratava de um processo de luta contra a ditadura militar. Mas mesmo isso é complicado de se afirmar, pois, como já disse, estávamos vivendo o processo de abertura política e os militares já não eram tão severos como em anos anteriores. Não sei afirmar se havia uma correlação. Minhas lembranças dizem que não, mas meus estudos dizem que sim. (Relato de Maria, texto em anexo)

O relato dessa professora foi muito significativo por apresentar semelhanças com aquilo que vivemos na Praça do bairro Jardim Gloria, principalmente no que diz respeito aos tipos de atividades artísticas organizadas no evento e, ao mesmo tempo, por questionar se o processo de ensino de artes tinha motivações políticas.

Cristiano tem 44 anos, é natural de Matias Barbosa, líder comunitário em sua cidade e cursa faculdade de Pedagogia na Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Trabalha como Secretário Escolar em Juiz de Fora. Disse durante nossa conversa que não participou diretamente do evento, mas que se lembra de ter assistido a “cursos de arte em praça pública”. Afirmou que quando esteve em Juiz de Fora, por volta do ano de 1980, estava “ocorrendo um grande evento com diversas atividades no Parque Halfeld”. Relatou que se lembra de ter visto pintura, teatro, música, dança, esculturas, bordados e muitas outras coisas. Que “havia monitores para ajudar no processo de aprendizagem” e que “as pessoas participavam com muito entusiasmo”. Quando perguntado sobre uma possível relação entre os eventos de artes daquele dia e uma resistência ao governo militar foi taxativo: “com toda certeza era um ato de resistência aos militares” e que “a participação popular mostrou a força que o povo tem”.

Apesar de relevante, as informações sobre o evento ocorrido no Parque Halfeld parece grandioso demais para o período. Percebemos no discurso do senhor Cristiano uma grande carga de contexto político e um viés partidário muito forte. Talvez, como disse a senhora Maria, hoje seja mais fácil afirmar coisas relativas a esse período devido ao conhecimento adquirido com o passar dos anos.

A senhora Terezinha tem 54 anos, é natural de Juiz de Fora, formada em Magistério e Contabilidade, trabalha como cabeleireira em um salão do qual é proprietária. Talvez venha dela a frase mais significativa em relação ao uso das artes como forma de educar politicamente a sociedade: “tudo naquela época era contestação política ao governo militar, o uso das artes e da educação não fugia a essa realidade”. A senhora Terezinha informou que não participou dos eventos de intervenção urbana ocorridos naquela época, mas que por mais de uma vez viu atividades sendo organizadas ou ocorrendo em logradouros públicos. Não soube informar claramente os tipos de

atividades, mas afirmou que havia propostas culturais e artísticas, pois, segundo ela, se tratava de iniciativa promovida pelos estudantes de curso superior da UFJF.

Cláudio tem 45 anos, é natural de Juiz de Fora, formado em Geografia pela Instituição supracitada, é professor da Rede Municipal e da Estadual de Educação. O professor Cláudio confidenciou que participou de um evento cultural na Praça José Alves Carvalho, no bairro Nossa Senhora Aparecida, e que essa experiência foi muito importante em sua vida. Acha que o evento ocorreu em 1982 ou 1983, não soube precisar com certeza. Afirmou que “as oficinas organizadas naquele espaço funcionavam de forma pedagógica”, e o instrutor ia “passando informações, orientações, ensinando mesmo como fazer”. Para ilustrar sua afirmação ele explicou que:

...a oficina era de mosaico, um tipo de quadro feito com peças coladas umas as outras! Éramos separados em pequenos grupos de três ou quatro crianças e recebíamos um pouco de material. Lembro-me que tinha areia colorida, pedras coloridas, papel metálico colorido, tinha outros materiais, mas não me lembro agora! Tinha cola, isso tinha! Bem, escolhíamos o que queríamos usar e éramos orientados pelo instrutor. Ele dizia para fazer um desenho na folha de papel e depois ir colando o material para dar forma e beleza. Quem tinha dificuldades ele ajudava... (Relato de Cláudio, texto em anexo)

O professor contou que participou ainda de uma oficina de fotografia e que essa mudou sua vida. Segundo ele:

...a outra oficina ensinava a construir uma máquina de retrato com caixa de sapato. Fiquei fascinado com a ideia! Não entendia como isso era possível. Novamente fomos separados em pequenos grupos e recebemos explicação de como tudo funcionava. Depois ganhamos material e os instrutores iam ajudando a montar a estrovena...rsrsrsr. A máquina ficava meio esquisita e grande, nem sei se funcionou! Mas uma coisa posso afirmar, foi aquela oficina que me motivou a fazer faculdade de Comunicação... (Relato de Cláudio, texto em anexo)

Quando indagado sobre a motivação para cursar Comunicação Social o professor Claudio explicou que o instrutor que ajudou o grupo dele “era aluno do curso de Comunicação e esse explicou muita coisa sobre a profissão e a importância de levar a verdade a todos”. Ele relatou ainda que tentou vestibular para o curso no ano de 2003, não tendo sido aprovado. No ano seguinte prestou exame para Geografia e obteve êxito.

Sobre uma relação das atividades ocorridas na praça e um processo educacional que visasse contestar o governo militar, o professor disse que “possivelmente havia um

objetivo educacional em tudo aquilo, mas não sei até que ponto seria de enfrentamento político”.

A senhora Priscila tem 43 anos, é natural de Juiz de Fora, graduada em Educação Artística e professora da rede municipal de educação. Relatou que viveu experiências dessa natureza diversas vezes. Disse que tudo começou no ano de 1984 quando viveu uma “tarde dos sonhos” na Praça do bairro Barbosa Lage, zona Norte da cidade. Explicou que há uma rua sem saída no bairro e que lá foi organizada uma rua de lazer. Segundo relatou, havia diversas atividades para diversas idades. Elencou a ocorrência de jogos como pular amarelinha, pique pega, pular elástico, pular corda, bambolê, cama elástica. No campo das artes destacou a ocorrência de teatro, música, pintura, danças, escultura, desenho, modelagem. Informou ainda que havia a presença de palhaços, orientadores, profissionais de saúde (possivelmente verificação de pressão arterial), etc.

Quando indagada sobre uma possível relação dessas atividades com a questão da educação e da resistência ao governo militar, foi categórica, disse que sobre a questão da educação social não restava dúvida, mas em se tratando de resistência ao governo disse não acreditar que houvesse tal relação. Baseou sua opinião no fato de ter vivido outras experiências desse tipo durante o curso de graduação. Assim como o geógrafo Cláudio, a professora Priscila também disse que o evento influenciou sua escolha profissional, e optou pelo “curso de Educação Artística também por ter vivido e aprendido muita coisa legal naquele dia”. Informou que durante o curso foram organizadas diversas intervenções urbanas dessa natureza. Relatou que uma vez organizaram um evento em uma Praça, e como estavam sem recursos financeiros para adquirir material, recolheram diversas pinhas no Campos da UFJF e usaram como matéria prima. Pegaram os restos de tinta, de cola, de verniz e criaram oficinas de esculturas. Disse que “muitas vezes tínhamos de improvisar para poder realizar”, e destacou que o intuito desse trabalho “era somente fazer com que as crianças percebessem que arte não é algo distante de nós, que podemos fazer arte com quase tudo”. Assim, reforçou sua opinião sobre o fato de não haver uma relação direta com a questão da militância política contrária ao governo militar, e sim somente uma disseminação do processo de criação artística.

Considerações Finais

A arte é algo presente na vida das pessoas desde os primórdios da existência humana no mundo. Gerações se multiplicaram, séculos se passam e a produção artística

sempre esteve presente na vida do ser e das comunidades. É inimaginável pensar uma sociedade sem ao mesmo tempo buscar conhecer seus mistérios, suas diversificações, a relação direta do mundo cultural com a forma de vida dos habitantes dessa região do planeta. Um bom exemplo disso está nas diversas peças de cerâmicas encontradas e colocadas em exposição. Esses utensílios rudimentares provam que a cerâmica é uma das mais antigas formas de arte, que estava presente no cotidiano do homem da época, que ajudou a melhorar sua vida e fez com que esse aprendesse a trabalhar melhor com a argila.

Nossa história recente não é diferente. Em nosso país há uma mancha que colocou e destacou nossa pátria entre aquelas que passaram pela terrível experiência de ser dominada politicamente pelas forças armadas. Sabe-se que no Brasil o governo militar controlou o poder político por aproximadamente 20 anos, e durante esse período, usou de todas as armas para confrontar seus opositores. Isso acabou promovendo o surgimento de uma resistência que se infiltrou pelos diversos campos de resistência existentes e imagináveis naquele período. Os militantes desse “contra-golpe militar” utilizaram-se de toda forma de arte, e entre elas podemos destacar as Artes Visuais, para chamar a atenção da sociedade brasileira e promover de forma maciça, o processo de conscientização política. É inegável que dentre todos os tipos de movimentos culturais utilizados a música é a que ganhou maior destaque nesse processo. Sua notoriedade se fez presente devido a sua rápida propagação e ao grande número de lugares que essa alcança. Guardadas as devidas proporções, o mesmo ocorreu com o cinema e o teatro. Esses dois tipos de arte acabaram atingindo certo número de indivíduos e promovendo um efeito de conhecimento de parte das diversas realidades existentes dentro de nosso país.

Cabe aqui ressaltar que a nosso ver nem a música, nem o cinema e muito menos o teatro atingiu a espessa camada da população brasileira, ficando restritos às parcelas sociais mais esclarecidas e aos grupos de uma classe média burguesa oriunda de nichos sociais engajados na luta política. A tarefa de atingir e conscientizar o condensado grupo da classe pobre e desprestigiada em Juiz de Fora, ocorreu por ações provenientes das Artes Visuais. Diversificada em sua essência, a utilização de certos tipos de arte não atingia muita gente de uma só vez, mas promovia uma coisa que as outras formas de arte não conseguiam, promoviam a participação do indivíduo no processo de criação e sua auto-conscientização sobre diversos fatos e sobre o mundo.

Acreditamos que em Juiz de Fora ocorreu um processo de intervenção urbana através do uso das Artes Visuais que, entre outras características, atrelou ao processo

criativo a faceta de ensino/aprendizagem. Ou, em outras palavras, promoveu através do uso das artes visuais um processo educacional e uma conscientização social e política de seus participantes.

Essa forma de educar a população não somente atingia indiscriminadamente todas as classes como fazia surgir uma admiração pelas composições artísticas. E isso fica evidente nas falas de algumas das pessoas que deram seu depoimento para esse trabalho. Acreditamos que atividades semelhantes também devem ter ocorrido em outros municípios do país. Que o uso das Artes Visuais através de intervenções urbanas não foi uma particularidade da cidade de Juiz de Fora. Mas já em relação ao desenvolvimento da ação, não temos certeza se a forma de organização dos eventos foi semelhante.

Em Juiz de Fora logradouros públicos se tornaram lugar de desenvolvimento de oficinas de arte. Técnicas e materiais diversos foram apresentados para pessoas, em sua maioria crianças, que haviam tido pouco ou quase nenhum contato com as artes e sua forma de produção. Esse tipo de trabalho não só aproximou as pessoas do mundo da cultura como despertou nelas um grau de curiosidade sobre o mundo artístico-cultural, diminuindo a distância existente entre essas pessoas e as Artes Visuais.

Talvez o mais importante de tudo isso, o fator mais relevante de todo o processo ocorrido nessa cidade entre os anos de 1975 e 1985, seja o legado que essa experiência deixou para as futuras gerações. É inegável que intervenções urbanas com viés político ocorreram em todo o país entre os anos de 1964 e 1985, mas a ação deliberada promovida por grupos organizados nesta cidade fez surgir um tipo de educação popular diferente, bem mais participativa e enriquecedora.

O efeito conclusivo de tudo isso está na forma como as manifestações urbanas ocorriam em todo o país e como passou a ocorrer depois de promovida a abertura. Como eram usadas e como passaram a ser utilizadas pós governo militar. Como educadores pudemos perceber e comprovar nesse trabalho a força transformadora da organização de ideias. Foi possível perceber como a arte é capaz de promover mudanças. Como a transformação que o processo de ensino aprendizagem promovido pela arte é capaz de mudar as pessoas e elevar sua auto-estima. Assim, como modifica e transforma pessoas, é possivelmente capaz de transformar uma sociedade inteira.

Após a elaboração dessa monografia, esperamos ter reunido elementos que comprovem nossas colocações. Não é objetivo desse trabalho propor uma finalização sobre o assunto em questão, visto que este é relativamente novo, amplo e merece mais pesquisas. Esperamos contribuir para que outras pessoas, com outras idéias, possam dar continuidade ao processo de investigação, para que novos estudos sejam feitos e novas

interpretações da realidade dessa época possam ser buscadas e enriqueçam o universo científico através da avaliação histórico-social da contribuição das Artes Visuais no processo educacional.

Referências Bibliográficas

BERLINCK, Manoel Tosta. **O Centro Popular de Cultura da UNE**. Campinas: Papyrus, 1984.

BRANDÃO, Antônio Carlos, DUARTE, Milton Fernandes. **Movimentos Culturais da Juventude**. São Paulo: Moderna, 1990.

BORDIEU, Pierre. **Razões Práticas**. São Paulo: Ed. Papyrus, 1996.

CHAUÍ, Marilena. **Seminários**. São Paulo: 2ª edição. Editora Brasiliense, 1984.

FUSARI, Maria F. de Rezende, FERRAZ, Maria Heloisa C. de T.. **Arte na Educação Escolar**. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

GARCIA, Miliandre. **A questão da cultura popular: as políticas culturais do Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE)**. Revista Brasileira de História. São Paulo: v. 24, nº 47, p. 127-162, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882004000100006. Acesso em 07/10/2015.

GARCIA, Tânia da Costa. **Tudo Bem e o nacional-popular no Brasil dos anos 70. História**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, v. 26, n. 2, p. 182-200, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/8803>. Acesso em 05/10/2015.

GIL, Gilberto. **Panis Et Circensis**. Disponível em: http://bloganselmoanny.blogspot.com.br/2008_07_20_archive.html. Acesso em 27/09/2014.

GOMPERTZ, Will. **Isso é Arte? 150 anos de Arte Moderna: Do Impressionismo até hoje**. Zahar.

GROPPO, Luis Antônio. **Uma onda mundial de revoltas: movimentos estudantis nos anos 1960**. Campinas: 2000. 701 f. Tese de Doutorado (Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

HABERT, Nadine. **A década de 70: apogeu e crise da ditadura militar brasileira**. São Paulo: 3ª Ed.: Editora Ática, 1996.

MAC CORD, Getúlio. **Tropicália: um caldeirão cultural**. Editora Ferreira, 2011.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PELLICCIOTTA, Mirza Maria Baffi. **Uma aventura política: as movimentações estudantis da década de 70**. Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP. Campinas, SP, 1997.

RIDENTI, Marcelo. **Em busca do Povo Brasileiro**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Jordana de Souza. **O Papel dos Movimentos Sócio-Culturais nos “Anos de Chumbo”**. São Paulo: Unesp, 2009.

SEHBE DE CARLI, Ana Mery, RAMOS, Flávia Broccheto (orgs). **Tropicália, gêneros, identidades, repertórios e linguagens**. Educ Editora, 2008.

TUFANO, Douglas. **Estudos de Literatura brasileira**. Editora Moderna, 1990.

VELLOSO, Mabel. **Mestres da Música no Brasil (Caetano Veloso)**. São Paulo: Editora Moderna, 2002.

Outras Fontes:

Fonte: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/Golpe1964>. Acesso em 12/09/2015

Fonte: <http://educacao.globo.com/historia/assunto/ditadura-militar/manifestacoes-culturais.html>. Acesso em 10/09/2015

Foto

Fonte: <http://site.adital.com.br/site/noticia.php?lang=PT&cod=85554>)

Foto

Fonte: http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_noticia=150827&id_secao=61

Foto: Roda Viva Jornal

Fonte: https://www.google.com.br/search?q=foto+da+pe%C3%A7a+roda+viva&gws_rd=ssl. Acesso em 09/10/2015

Foto: Filmes Deus e o Diabo na Terra do Sol, Vidas Secas, etc.

Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=foto+de+vidas+secas>. Acesso em 09/10/2015

Foto: Roupas da época, Roberto Carlos, etc.

Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=roupas+usadas+na+jovem+guarda>. Acesso em 08/10/2015

Foto: Tropicália, Chico Buarque, etc.

Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=capa+de+lp+da+tropicália>

Foto: A morte no sábado

Fonte: <http://vladimirherzog.org/autor-de-a-morte-no-sabado-em-homenagem-a-vladimir-herzog-antonio-henrique-amaral-morre-aos-79-anos/>

Fotos: Projeto Cédula

Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=foto+da+obra+Projeto+C%C3%A9dula+de+Cildo+Meireles&hl=pt-BR>

Fotos: Trouxas ensangüentadas

Fonte: https://www.google.com.br/search?q=foto+da+obra+Projeto+C%C3%A9dulaBR&tbm=isch&q=foto+da+obra+Touzas+ensanguentadas&imgc=_#tbm=isch&q=foto+da+obra+Projeto+C%C3%A9dula+BR+foto+da+obra+Touzas+ensanguentadas

Anexos

NOME? ESTADO CIVIL?
PROFISSÃO? IDADE?
ESCALARIDADE? ENDEREÇO?
JÁ PARTICIPOU DE EVENTO DE ANE EM LOCAL PÚBLICO?
RELACIONA ESSE EVENTO COM ALGUMA QUESTÃO POLÍTICA DA ÉPOCA?
RELACIONA ESSE EVENTO COM A EDUCAÇÃO E O ENSINO DE ANES?
O QUE FOI FEITO DURANTE O EVENTO E COMO FOI FEITO?

22/10/15

MARIUS AUGUSTO, PROFESSOR (DOUTOR EM EDUCAÇÃO) MATEMÁTICA). TRABALHA NO SANTA CÍNDIA (CBBE MUNICIPAL). TEM 47 ANOS É CASADO, MORAR NA RUA JOSÉ PAULO TORRES EM SÃO PÉL.

SIM! PARTICIPOU QUANDO CRIANÇA DE ATIVIDADES NA PRAÇA (EM NOME DO JF?)

DOB: Quando ESTEVE EM JF (1980) PARTICIPOU DE UM EVENTO NA PRAÇA DO BACHINEL DO PRAÇA JARDAS DE LERY (NÃO SABE AO CERTO). FOI APRESENTADA DE FILMES (2) ANOS E QUE ERAM CHAMADAS. NÃO SABE OS NOMES DOS FILMES. TODOS QUE PASSAVAM ERAM CONVIDADOS PARA VER OS FILMES E MUITOS REUSAM E ATÉ IAM PARA O OUTRO LADO DA RUA. SEGUNDO DIZE A POLÍCIA ESTAVA PRESENTE O TEMPO TODO. NÃO CONFIRMA UMA POSSÍVEL RELAÇÃO DO EVENTO COM UMA MANIFESTAÇÃO CONTRA O GOV. MUITAS MAS ACREDITA QUE HÁ RELAÇÃO COM A CONSCIENTIZAÇÃO DO POVO. PODE SER QUE TENHA RELAÇÃO COM O ENSINO DE ANE DE EDUCAÇÃO

23/10/15
MARTA DE LOURDES, 50 ANOS, NASCIDA EM JF, MORAR NA RUA FRANKLIN DE SAUDA MOURAS, CIDADE DO SOL. É ASSISTENTE SOCIAL DE VASSOURAS E PROFESSORA DA CUGB (CENTRO UNIV. GENARO DE BUZZE)

PARTICIPOU DE EVENTO NO ANO 1981 NA PRAÇA CENTRAL DO BAIRRO BEUPICIA, ZONA NORTE DE JF. NESSE EVENTO AS CRIANÇAS EM DIVERSAS E TINHAM DIVERSAS ATIVIDADES PARA PARTICIPAR. SE LEMBRA DE AULAS DE PINTURA EM TELA. SEGUNDO ELA OS ORGANIZADORES (ELES) COLOCARAM UM GRANDE LENÇOL NO CHÃO, ACHO QUE ERA BRANCO OU AMARELO BEM CLARINHO! DEPOIS COLOCARAM TINTA SOBRE PEDAÇOS DE PAPELÃO E ORIENTAVAM A APLICAR SOBRE O LENÇOL. AOS POUCOS FOI KICADO TUDO CRIEJO DE MARCAS DE PÉS E DEUS O NOME DE PASSOS DA HUMANIDADE. FOI MUITO LEGAL! TAMBÉM TINHA MODELAGEM COM MASSA E DORNAVA DE PAPEL

QUANDO QUESTIONADA SOBRE DENEGAR O EVENTO COM A RESISTÊNCIA AO GOVERNO
EPI CLAMA AO DIZER QUE PERCEBIA ISSO NA ÉPOCA É UMA MENTIRA! MARQUELE
NOMENTO TUDO ERA UMA FESTA, TUDO ERA LEGAL E DIVERTIDO, A IDEIA ERA
PIANINHA, JALAR BALCÕES, CANTAR, DANÇAR, ESSAS COISAS! MUITA GENTE NEM
TINHA CONHECIMENTO DIRETO SOBRE O QUE ERA O PROCESSO DE ABERTURA POINHA
QUE ESTAVA OCORRENDO. HOJE, DEPOIS DE ESTUDAR E CONHECER A REALIDADE DOS
VINTE ANOS DE DITADURA MILITAR EM MOÇO PAÍS FICA FÁCIL AFIRMAR QUE
SE TRATAVA DE UM PROCESSO DE LUTA CONTRA A DITADURA MILITAR. MAS MESMO
ISSO É COMPROVADO DE SE AFIRMAR, POIS, COMO JÁ DISSE ESTÁVAMOS VIVENDO
O PROCESSO DE ABERTURA POLÍTICA E OS MILITARES JÁ NÃO ERAM TÃO SÉRIOS
COMO EM ANOS ANTERIORES. NÃO SEI AFIRMAR SE HAVIA UMA CORRELAÇÃO.
MUITAS LEMBRANÇAS DIZEM QUE NÃO, MAS MEUS ESTUDOS DIZEM QUE SIM

* HÁ RELACÃO DA ESTADÍSTICA DESSA PROFESSORA COM
AQUIL VIVIDO NA PRACA JARDIM GLORIA

↳ MUITO BOM
USAR

ESTILIS CRISTIAN, 44 ANOS, NASCIDO EM MATIAS BARBOSA, TRABALHA COMO
SECRETÁRIO ESCOLAR EM J.F. E ESTUDA PEDAGOGIA NA UFJF.
MÁS PARTICIPOU DE EVENTO DESSA NARRAZA MAS SE LEMBRA DE TER
VÍDO CURSOS DE ARTE EM PRACA PÚBLICA. QUANDO VEIO A JF EM 1980 (+)
ENINA UMA COISA OCORRENDO NO PARQUE WALFELD. ESTAVA OCORRENDO UM GRANDE
EVENTO COM DIVERSAS ATIVIDADES NO PARQUE WALFELD. TINHA PIANINHA, TEATRO,
MÚSICA, DANÇA, ESCULTURAS, BORDADOS, ETZ. HAVIA MONITORES PARA AJUDAR NO
PROCESSO DE ABERTURAZEM, AS PESSOAS PARTICIPAVAM COM MUITO ENTUSIASMO.
↳ COM TOTA CERTEZA ERA UM ATO DE RESISTÊNCIA AOS MILITARES A
PARTICIPAZÃO POPULAR MOSTROU A FORÇA QUE O POVO TEM.

DISCUSSÃO AQUI

↳ MUITAS VEZES TINHAMOS DE IMPROVISAR PARA PODER REALIZAR, A IDEIA ERA FAZER
COM QUE AS CRIANÇAS PERCEBESSEM QUE ARTE NÃO É ALGO DISTANTE DE NÓS,
QUE PODEMOS FAZER ARTE COM QUASE TODO.

colunista TEREZINHA TEM 54 ANOS, É FORMADA EM LICENCIATURA E CONTABILIDADE, NASceu EM JF E TRABALHA COMO CAIXEIRINHA NO SEU SALÃO. NÃO PARTICIPOU DIRETAMENTE DE NENHUM EVENTO MAS VIU DIVERSAS VEZES ATIVIDADES SENDO ORGANIZADAS/OCORRENDO EM PRAXES, QUAS, ETC. (MAS SABE EXPLICAR O TIPO DE ATIVIDADE) TINHA UM PAPEL CULTURAL E ARTÍSTICO POIS EM FEITO PELOS ESTUDANTES DA UFJF. Quando QUESTIONADA SOBRE A REALIZAÇÃO INTERVENÇÃO URBANA GOVERNO MUNICIPAL AFIRMOU QUE TUDO NAQUELA ÉPOCA ERA CONTESTAÇÃO POLITICA AO GOVERNO MUNICIPAL, O USO DAS ARTES E DA EDUCAÇÃO NÃO PUNHA A ESSA REALIDADE.

colunista CINDIO É PROFESSOR DE GEOGRAFIA DA REDE E ESTADUAL TEM 45 ANOS, NASCIDO EM JUIZ DE FORA

PARTICIPOU DE EVENTO CULTURAL NA PRACA JOSÉ ALVES CARVALHO, NO BARRIO NOSSA SENHORA APARECIDA E QUE FOI MUITO BOM. ACREDITA QUE O EVENTO OCORREU ENTRE 1982/83 (NÃO SABE AO CERTO). AS OFICINAS ORGANIZADAS NAQUELE ESPAÇO FUNCIONAVAM DE FORMA PEDAGÓGICA, PASSANDO INFORMAÇÕES, ORIENTAÇÕES, ENSINANDO MESMO COMO FAZER, A OFICINA ERA DE MÓDICO, UM TIPO DE QUANDO FEITO COM PEÇAS COLADAS MAS NAS OUTRAS! ERAMOS SEPARADOS EM PEQUENOS GRUPOS DE TRÊS OU QUATRO CRIANÇAS E RECEBIAMOS UM POUCO DE MATERIAL. LEMBRO-ME QUE TINHA AREIA COLORIDA, PEDRAS COLORIDAS, PAPEL METALIZADO COLORIDO, TINHA OUTROS MATERIAIS, MAS NÃO ME LEMBRO ABOM! TINHA COLA, ISSO TINHA! BEM, ESCOLHIAMOS O QUE QUERÍAMOS USAR E ERAMOS ORIENTADOS PELO INSTRUTOR. ELE QUIZIA PARA FAZER UM DESENHO NA FOLHA DE PAPEL E DEPOIS IR COLANDO O MATERIAL PARA DAR FORMA E BELEZA. QUANDO TINHA DIFICULDADES ELE AJUDAVA, ERA MUITO LEGAL. TAMBÉM HAVIA OUTRAS COISAS PARA FAZER. TINHA MUITA COISA LEGAL, A OUTRA OFICINA ENSI- NAVA A CONSTRUIR UMA MÁQUINA DE RETRATO DE RETRATO COM CAIXA DE POSÍVEL. NOVAENTE FOMOS SEPARADOS EM PEQUENOS GRUPOS E RECEBIAMOS EXPLICAÇÃO DE COMO TUDO FUNCIONAVA. DEPOIS GANHAMOS MATERIAL E OS INSTRUTORES IÃO AJUDANDO A MONTAR A ESTROVEÇA (PNEU).

A MÁQUINA FICAVA MEIO ESQUISITA E GRANDE, NEM SEI SE FUNCIONOU MAS UMA COISA POSSO AFIRMAR, FOI AQUELA OFICINA QUE ME MOTIVOU A FAZER FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, POIS O INSTRUCTOR ERA ALUNO DESSE CURSO. ELE ERA ALUNO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO E ESSE EXPLICOU MUITA COISA SOBRE A PROFISSÃO E A IMPORTÂNCIA DE USAR A VERDADE A TODOS. TENTEI VESTIBULAR PARA ESSE CURSO EM 2003 MAS NÃO FUI ADMITIDO. NO ANO SEGUINTE TENTEI GEOGRAFIA E ENTEI. PROBAMENTE HAVIA UM OBJETIVO EDUCACIONAL EM TUDO AQUELO, MAS NÃO SEI ATÉ QUE PONTO SERIA DE ENFRENTAMENTO POLÍTICO.

ANÍSCIA TEM 43 ANOS E É NASCIDA EM JUIZ DE FORA. FORMADA EM EDUCAÇÃO ARTÍSTICA TRABALHA NA REDE.

JÁ! VIVEU EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS DE INTERVENÇÃO. EM 1984 (+/-) VIVEU A TARDE DOS SOMOS NA PRAÇA DO BARRIO BURBOS LACE, ZONA NORTE. EM UMA DIA SEM SÓCIA FOI ORGANIZADA UMA ÁREA DE LARER COM DIVERSAS ATIVIDADES PARA TODAS AS IDADES. HAVIA JOGOS E BRINCADEIRAS COMO PULAR AMARELINHA, PIQUE PEGA, PULAR ELÁSTICO, PULAR CONDA, BAMBOLÊ, ANA ELÁSTICA, ETC. TAMBÉM TINHA TEATRO, MÚSICA, PINTURA, BANCAS, ESCOLHA DE PESQUISA, MODELAGEM, ETC. HAVIA PALHAÇOS, ORIENTADORES, ~~PROFISSIONAIS~~ PROFISSIONAIS DE SAÚDE, ETC. FOI NESSE DIA QUE ESCOLHI FAZER FACULDADE DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA, POIS O EVENTO ME MARCOU MUITO.

EM RELAÇÃO A EDUCAÇÃO NÃO TENHO DÚVIDA, JÁ SOBRE A RESISTÊNCIA AO GOVERNO NÃO ACREDITO QUE HOUVESSE RELATO.

VIVEU MUITAS EXPERIÊNCIAS DESSE TIPO DURANTE A GRADUAÇÃO E COMO SE DISSE OPTEI PELO CURSO DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA TAMBÉM POR TER VIVIDO E ADQUIRIDO MUITA COISA LERAL NAQUELE DIA. DURANTE O CURSO ORGANIZAMOS EVENTOS E UMA VEZ TIVEMOS QUE USAR PINTURAS E RESTOS DE MATERIAL.